

Guia de visitação ao
JARDIM HISTÓRICO
da
CASA DE RUI
BARBOSA



Guia de visitação ao
JARDIM HISTÓRICO
da
CASA DE RUI
BARBOSA

Guia de visitaço ao
JARDIM HISTÓRICO
da
CASA DE RUI
BARBOSA

Nayara Cavalini Heringer
Aparecida M. S. Rangel

Fundação  **Casa de Rui Barbosa**

Rio de Janeiro

2021

Presidente da República

Jair Messias Bolsonaro

Ministro do Turismo

Gilson Machado Neto

Fundação Casa de Rui Barbosa

Presidente

Letícia Dornelles

Diretor Executivo

Carlos Fernando Corbage Rabello

Diretora do Centro de Memória e Informação

Patrícia Imbroizi Ajus

Chefe do Museu Casa de Rui Barbosa

Jair de Jesus Santos

Chefe do Setor de Editoração

Benjamin Albagli Neto

Preparação de Texto

Caique Zen | Tikinet

Projeto gráfico e Diagramação

Gustavo Nunes | Tikinet

Ficha catalográfica

F981 Fundação Casa de Rui Barbosa. Centro de Memória e Informação. Museu Casa de Rui Barbosa.

Guia de visitação ao Jardim Histórico da Casa de Rui Barbosa [recurso eletrônico] / Nayara Cavalini Heringer; Aparecida M. S. Rangel. -- Rio de Janeiro : Fundação Casa de Rui Barbosa, 2021.

12.700 KB ; PDF (67 p.)

ISBN 978-65-88295-08-3

1. Jardim histórico. 2. Museologia. 3. Educação museal. 4. Educação ambiental. 5. Acervo Museológico. 6. Acervo Paisagístico. 7. Museu Casa de Rui Barbosa. I. Heringer, Nayara Cavalini. II. Rangel, Aparecida M. S. III. Título.

CDD 069

Elaborada no Serviço de Biblioteca da Fundação Casa de Rui Barbosa
pela bibliotecária Dilza Ramos Bastos - CRB7/2348

Fundação Casa de Rui Barbosa

Rua São Clemente 134, Botafogo

22260-000, Rio de Janeiro, RJ

www.casaruibarbosa.gov.br

*Aos apreciadores, estudiosos e trabalhadores de jardins;
sobretudo às diferentes gerações de jardineiros cuja
dedicação, muito além das obrigações profissionais,
têm sido fundamentais para a preservação do Jardim
Histórico da Casa de Rui Barbosa.*

A paisagem é uma biblioteca na qual nenhum livro será lido na íntegra. A cada página irrompe uma nova revelação, desperta uma memória adormecida. Sua estrutura é como um móbile de Calder. É ainda mais complexa. Toque-se, ainda que bem de leve, em um só de seus elementos: todo o conjunto move-se, reorganiza-se, reconfigura-se. O toque humano fecunda o meio físico que o sopro da vida animou. Os elementos do sistema estarão, doravante, sujeitos às relações de interdependência, às interações com o ser humano. A cultura é a chave que cria, cifra e decifra a paisagem.

Carlos Fernando de Moura Delphim, “Paisagem”

SUMÁRIO

Apresentação	8
1. Início do percurso	13
2. A arquitetura da Vila Maria Augusta	15
3. Rocalhas e cascata	18
4. Voltados para a rua: a escultura da águia e da serpente e as camélias	21
5. Uma rua que passou pelo jardim	24
6. O canteiro do abricó-de-macaco	28
7. O pomar de Rui Barbosa	33
8. O canteiro do pau-brasil	35
9. A lichia centenária	38
10. O parreiral	40
11. Os lagos	49
12. O pequeno pomar no fim da visita	51
13. Concluindo a visita	55
Referências Bibliográficas	58
Anexo	63

APRESENTAÇÃO

Em julho do ano de 1930, o engenheiro italiano Vittorio Miglietta entregava ao então ministro da Justiça, Augusto Vianna do Castello, o *Relatório da reconstrução do jardim da Casa de Ruy Barbosa*,¹ que registrava todas as atividades realizadas no local. Nas primeiras linhas do documento de cerca de 12 páginas, Miglietta afirmava: “[...] com muito prazer tomei a meu cargo a reconstrução do jardim da CASA RUY BARBOSA, já destruído, para obedecer ao projeto de abertura de uma rua e depois por muitos anos deixado em completo abandono”.² De qual jardim estamos falando?

Tratava-se do jardim que circundava a casa localizada à rua São Clemente, 134, em Botafogo. Em estilo neoclássico, construída em 1850 pelo barão da Lagoa, Bernardo Casimiro de Freitas, a chácara urbana ocupava um terreno de 9.000 m² e possuía cerca de 6.000 m² de área verde, onde estendia-se uma grande latada, ou pergolado de metal e madeira, com eixo central de 60 metros, para sustentação de parreiras e trepadeiras, cercada de árvores frutíferas. A residência passaria por dois outros moradores até se transformar no lar do jurista, político e diplomata baiano Rui Barbosa (1849-1923) e sua família, que residiram no local de 1895 até 1923,³ ano de seu falecimento. Após a comoção nacional, no ano de 1924 o governo federal comprou a casa, o terreno, a biblioteca, o arquivo pessoal e a propriedade intelectual de Rui, com intenção de transformar o local em uma instituição cultural. Contudo, anos se passariam antes que a casa se transformasse no primeiro museu-casa público do Brasil – em 13 de agosto de 1930.

Os seis anos (1924-1930) passados entre a compra da residência e a inauguração do museu-casa modificaram o jardim. As árvores, algumas já

1. FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Reforma da Casa Ruy Barbosa*.

2. Ibid., p. 1.

3. Embora tenha adquirido a propriedade em 1893, a ocupação não ocorreu de imediato, pois Rui Barbosa e sua família ficaram exilados na Inglaterra, por motivos políticos, durante dois anos.

centenárias, observaram uma mudança. Foram interrompidas as *garden parties* (festas no jardim) iluminadas a lamparinas e, depois, com luz elétrica, os passeios de damas da alta sociedade carioca, as brincadeiras de crianças e também uma rotina diária de cuidados esmerados por jardineiros e pelo próprio dono da casa (Rui Barbosa era um jardineiro entusiasta e cuidava de suas roseiras pessoalmente). Passou-se um tempo de silêncio. Desse período, em que se sabe que o mordomo de Rui, Antônio Joaquim da Costa, residia no local, inventariando a famosa biblioteca de 37 mil volumes do jurista, não se tem registro dos cuidados destinados ao jardim.

Sabe-se apenas que, no ano de 1927, com autorização da prefeitura do Rio de Janeiro (então Distrito Federal), houve uma grande intervenção no lado direito do jardim, com a derrubada de árvores e arrasamento de canteiros, com o objetivo de abrir uma rua que ligaria a São Clemente à rua Assunção, nos fundos do terreno.⁴ Mesmo a real extensão dos danos ao jardim é desconhecida. As fotografias da época pouco revelam: as imagens granuladas de arbustos e touceiras ao fundo não permitem identificar os exemplares paisagísticos que permaneceram, nem os que infelizmente vieram a perecer na empreitada, revogada pelo presidente Washington Luís no mesmo ano. Os danos parecem ter sido significativos, para que Miglietta afirmasse, anos depois, que reconstruiu um jardim “já destruído” e “por muitos anos em completo abandono”.⁵

O *Relatório da reconstrução do jardim da Casa de Ruy Barbosa* de Vittorio Miglietta inaugura, de fato, um novo tempo para o jardim: de recanto de lazer, contemplação e diversão em uma residência do século XIX para um espaço de convivência de uma instituição federal, frequentada por visitantes e, diariamente, por moradores da cidade. Esse novo papel levou a uma rotina distinta de cuidados com o jardim, que, apesar de integrar um conjunto arquitetônico tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em 1938,⁶ nem sempre foi tratado como o espaço de interesse histórico que vemos hoje. É somente com a Carta de Florença

4. REIS, Claudia Barbosa. *Memória de um jardim*, p. 24.

5. FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Reforma da Casa Ruy Barbosa*, p. 1.

6. A Casa de Rui Barbosa foi inscrita nos Livros do Tombo Histórico (Inscrição nº 32) e de Belas Artes (Inscrição nº 052) em 11 de maio de 1938, conforme consta em seu Processo de Tombamento nº 101-T-38. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/ans/>. Acesso em: 1 out. 2020.

(Unesco),⁷ de 1981, que se reconhece a importância da preservação de jardins como locais de interesse histórico, seguindo diretrizes patrimoniais e ambientais específicas.

Figura 1 – Reconstrução do jardim, em 1930.



Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa (1930).

Foi esse contexto que motivou anos de pesquisas e desenvolvimento, que culminaram no Projeto de Revitalização e Restauração do Jardim da Casa de Rui Barbosa, realizado no ano de 2016 com apoio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), da Fundação Darcy Ribeiro (Fundar) e do Fundo Nacional de Cultura. Foram incluídos no projeto a revitalização do paisagismo, da iluminação, da drenagem, da irrigação e o restauro de todos os elementos artísticos

7. CONSELHO INTERNACIONAL DE MONUMENTOS E SÍTIOS. *Carta de Florença de maio de 1981*.

que compõem o conjunto arquitetônico. De janeiro a novembro de 2016, o jardim permaneceu fechado ao público para a realização das obras, sob a fiscalização diária do Iphan e da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).⁸

Figura 2 – Realinhamento dos paralelepípedos da bordadura dos canteiros. Projeto de revitalização e restauração do Jardim Histórico, 2016.



Foto: Ivo Gonzalez.

Durante o período de fechamento ao público e, em seguida, de manutenção do acervo paisagístico e ajuste da nova rede de serviços instalados, foi percebida a necessidade de ampliar o contato com os frequentadores do jardim – essenciais para assegurar a preservação e longevidade do espaço. Nesta perspectiva, algumas ações foram criadas, tais como: um projeto de pesquisa intitulado “Patrimônio natural e cultural: análise das potencialidades de apropriação de um jardim histórico”;⁹ pesquisas de público – perfil e opinião – com os usuários do jardim; o prosseguimento da série Encontros de Gestores de Jardins Históricos: Intervenção e Valorização do Patrimônio Paisagístico,¹⁰ cujos participantes integram o Grupo de Pesquisa História do Paisagismo (GPHp) e o Grupo de Pesquisas Paisagens

8. É possível conferir as atividades realizadas durante as obras no blog Revitalização e Restauração do jardim da Casa de Rui Barbosa: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/conservacaopreventiva/jardim/>.

9. Desenvolvido entre os anos de 2016 e 2018 pelos pesquisadores Rômulo Duarte Silva de Oliveira e Rúbia Graciele Patzlaff.

10. Os anais dos Encontros de Gestores de Jardins Históricos estão disponíveis na página oficial da FCRB. Confira em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/interna.php?ID_S=123&ID_M=1207.

Híbridas (GPPH) – ambos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) –, bem como o International Council on Monuments and Sites (Icomos-BR); a realização e a publicação do um *Inventário Botânico do Jardim Histórico da Casa de Rui Barbosa*;¹¹ e o projeto Jardim em Foco.

Este último projeto, iniciado em janeiro de 2018, com o objetivo de trabalhar, por meio de visitas mediadas, conteúdos de educação museal e ambiental, como o panorama da vida de Rui Barbosa e sua família no local, destacando a flora e a fauna; uma visão do jardim como espaço museal e microecossistema, apresentando as dinâmicas e os ciclos da natureza que ocorrem no espaço; os usos atuais como jardim histórico, tombado pelo Iphan; os desafios da preservação deste tipo de espaço – organismos vivos em constante transformação; as intervenções realizadas ao longo de sua história; e a importância dos visitantes na preservação do patrimônio cultural.

É no contato com o público das visitas do Jardim em Foco e de iniciativas como um Curso de Formação de Ação Educativa Inclusiva, ministrado pela educadora Amanda Tojal na FCRB em 2018, que surge a ideia de elaborar um pequeno roteiro que culmina neste *Guia de Visitação ao Jardim Histórico*.

O objetivo deste guia é modesto: oferecer uma proposta de visita ao jardim. Ele foi pensado sobretudo para potencializar o encontro do jardim com as pessoas que o apreciam e querem conhecer um pouco mais das suas histórias. Entretanto, para aquelas que não estão fisicamente no espaço, incluímos alguns mapas de localização e fotos para tornar a experiência mais prazerosa. Trata-se de uma compilação de referências e fontes de informação que pretende, de forma despretensiosa, despertar a curiosidade naqueles que adentram os portões de ferro sempre abertos da Vila Maria Augusta, sem esgotar o assunto. Afinal, são múltiplos jardins que podem ser descobertos em uma só visita.

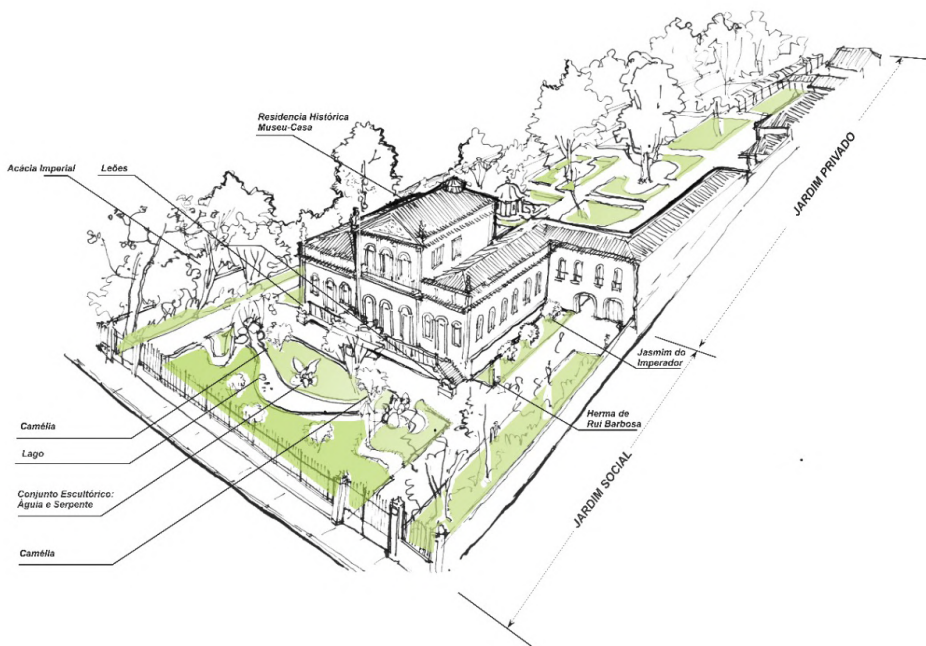
Este guia de visitação é um convite: descubra o jardim da Casa de Rui Barbosa! Crie seu percurso com seus lugares favoritos e volte sempre!

11. O *Inventário botânico do Jardim Histórico da Casa de Rui Barbosa* está disponível para consulta em: <http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/20.500.11997/10729>.

Capítulo 1

INÍCIO DO PERCURSO

Figura 3 – Perspectiva a voo de pássaro, jardim da Casa de Rui Barbosa.



Desenho e arte final: Luciano Caetano.

Como sugestão, a visita será iniciada no jardim principal, também chamado de “jardim social”, pois é voltado para a rua São Clemente. Realizaremos então uma caminhada do jardim principal, construído para ser visto pelos passantes da rua São Clemente, seguindo para o jardim interno, utilizado pela família de Rui Barbosa e repleto de árvores frutíferas.

❧ Início do percurso ❧

Um jardim para ser visto e um jardim para ser vivido: perceberemos aqui dois estilos de jardins diferentes e seus diferentes usos. Em cada parada, sugerimos que respire bem fundo e desfrute da singularidade do recanto em que você se encontra. Reflita sobre as curiosidades e janelas de descobertas deste guia e aproveite a paisagem. Crie seu próprio jardim de memórias!

Figura 4 – Netos de Rui Barbosa no jardim social.



Fonte: Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa.

Capítulo 2

A ARQUITETURA DA VILA MARIA AUGUSTA

HISTÓRICO DO TERRENO E DO BAIRRO DE BOTAFOGO

O jardim foi criado na época da construção da residência onde hoje é o museu, no século XIX. Nessa época, o bairro de Botafogo estava surgindo e ainda não tinha esse nome. As chácaras construídas na rua São Clemente tinham grandes jardins voltados para a rua.

O barão da Lagoa, o português Bernardo Casimiro de Freitas, construiu a casa em 1850. Mandou fazer também uma horta, um pomar e um parreiral com barras de metal e madeira com 60 metros de comprimento, que é muito parecido com os que existiam em Portugal naquela época.

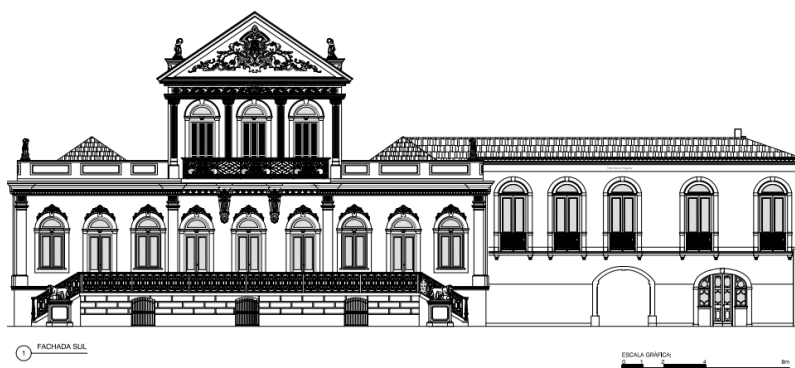
A propriedade ficou na família Casimiro de Freitas até 1879, quando foi vendida ao comendador Albino de Oliveira Guimarães. Sabe-se que, em algum momento, foram realizadas alterações na residência que lhe deram as feições que tinha na ocasião da compra da casa por Rui Barbosa.¹² É possível que o modelo de inspiração romântica escolhido para o jardim da frente tenha sido uma escolha de Albino – seguindo a moda na época, com estátuas, um grande lago, rochas, pontes e cascata. A casa ainda teve um terceiro dono, o comerciante inglês John Roscoe Allen, que viveu pouco tempo no local.

Em 1893, Rui Barbosa comprou a casa e aqui viveu por 28 anos com sua família. Ainda hoje podemos ver, quando caminhamos no jardim, vários testemunhos da época do primeiro dono da casa, o barão da Lagoa, do Comendador Albino e da família de Rui Barbosa.

12. MAGALHÃES, Rejane Mendes Moreira de Almeida. *Rui Barbosa na Vila Maria Augusta*, p. 15.

UMA CASA NEOCLÁSSICA

Figura 5 – Planta da fachada sul da residência histórica.



Planta: Izabella Barreto e Patrícia Cordeiro.

Podemos notar diversas características do chamado estilo neoclássico de construção: o frontão em formato triangular com decorações em baixo-relevo; os vãos em arco pleno (cujo perfil é uma semicircunferência) e as platibandas (pequenas elevações que protegem a visão do telhado) ornamentadas por esculturas.

A construção é típica da arquitetura portuguesa do período: a casa está centralizada no terreno, voltada para a rua, com um pequeno jardim frontal. O terreno tem mais de 9.000 m², sendo destes 6.159 m² de área ajardinada, composta por sua vez de 3.618 m² de canteiros (vegetação), 126 m² de lagos e 2.413 m² de pavimentação do jardim.

CURIOSIDADE

Afinal, o que é um jardim? Como você explicaria um jardim para uma pessoa que nunca viu um? Seria um jardim apenas “um pedaço da natureza”?

O professor francês Jean Pierre Beriac (Universidade de Bordeaux), pesquisador da história dos jardins, afirmou que “É o limite que define um jardim”.¹³ O que isso significa? Um jardim só existe porque tem um início e um final?

13. RUBIN, Nani. Jean Pierre Beriac, professor e pesquisador: “É o limite que define o jardim”.

Olhando com cuidado, percebemos que o que chamamos de “jardim” só existe porque “delimitamos” (seja com muros, cercas ou canteiros) uma separação entre o que chamamos de “meio ambiente”, ou “natureza”, e o que selecionamos para cultivar. A intencionalidade – selecionar o que vamos plantar ou o que vamos deixar crescer e como vamos fazer isso – é também uma das características marcantes do que chamamos de jardim.

Um jardim é um terreno ou espaço fechado, onde se plantam, cultivam e observam diferentes tipos de plantas. Ao criar um jardim, escolhemos os tipos de plantas e de flores, onde vamos colocá-las. Escolhemos plantas também pelo perfume, pela beleza, pelos frutos, pelo uso em chás e remédios. Criamos arranjos diferentes de plantas de acordo com as nossas necessidades, o nosso gosto, ou seguindo a moda da época.

E O QUE É UM JARDIM HISTÓRICO?

Um jardim histórico é um jardim de interesse histórico e artístico, o que quer dizer que são espaços importantes, porque ainda guardam registros da época em que foram criados. Por isso o jardim da Casa de Rui Barbosa é um jardim histórico: porque ainda conserva muitos sinais que permitem, nos dias de hoje, compreender como Rui Barbosa e sua família viviam e também como era a cidade do Rio de Janeiro naquele tempo.

Isso foi possível porque o jardim foi protegido de duas formas: pela criação do museu-casa e pela lei do tombamento. O museu-casa e seu jardim são parte de um conjunto tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), o que significa dizer que eles são considerados patrimônio nacional. Devido a essa proteção e ao trabalho de muitas pessoas para a sua conservação, podemos hoje visitar o jardim. E para preservá-lo para o futuro precisamos trabalhar para garantir que esse espaço seja sempre conservado da melhor maneira possível. E todos nós desempenhamos um papel muito importante em sua proteção.

CURIOSIDADE

No jardim, encontramos em diversos locais grandes aglomerados de rochas, como junto ao portão de entrada e junto ao quiosque. Você já viu algo parecido em outros locais? Seriam rochas de verdade? Vamos descobrir na próxima parada.

Capítulo 3

ROCALHAS E CASCATA

UM JARDIM EM ESTILO ROMÂNTICO

Figura 6 – Vista aérea do Museu Casa de Rui Barbosa.



Foto: Beto Felício. Fonte: Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa.

Esse trecho do jardim foi pensado para ser visto por quem passava pela rua São Clemente. Só nessa rua, além do Barão da Lagoa, residiam quatro famílias de nobres!

Podemos ver diversos elementos românticos inspirados no trabalho do paisagista francês Auguste François Marie Glazou, paisagista do imperador d. Pedro II, e que fez diversas obras conhecidas, como os jardins da Quinta da

Boa Vista, do Passeio Público, do Campo de Santana e do Palácio do Catete (antiga casa do Barão de Nova Friburgo e hoje Museu da República).

PARA SABER MAIS

Auguste François Marie Glaziou (1828-1906) foi um engenheiro, botânico e paisagista francês que atuou no Brasil em diversos projetos paisagísticos no século XIX. Glaziou chegou a ocupar os cargos de diretor dos Parques e Jardins da Casa Imperial e inspetor dos Jardins Municipais no período em que trabalhou no Brasil, entre 1858 e 1897. Não existe comprovação de que o traçado do jardim social pertença a ele, mas os temas presentes no local – rochedos artificiais, lagos sinuosos, quedas d’água – são inspirados em seu trabalho.

São influências do período romântico a tentativa de incluir elementos pitorescos da natureza, como rios e cascatas, e o uso de espécies exóticas, originárias de vários locais distantes do mundo: o lago artificial de contornos sinuosos em meio ao gramado, simulando um rio, fechado nas extremidades por um conjunto de “rocalhas”, ou *rocailles* (rochedos artificiais, feitos de argamassa), de onde surge uma cascata, impulsionada por um fluxo d’água.

Sim, as rochas presentes nesse jardim – as rocalhas – são todas artificiais, ou seja, de fabricação humana, criadas de maneira a imitar a natureza, dentro de um jardim, constituindo assim parte dos elementos artísticos que compõem o paisagismo do local. Com o tempo, e especialmente em locais sombreados e úmidos, essas estruturas vão desenvolvendo musgo, líquens e fungos, transformando-se no ambiente ideal para inúmeras espécies. Hoje podemos ver as rocalhas tomadas por espécies de plantas que gostam de luz filtrada e umidade, como as samambaias (*Nephrolepis sp.*), as avencas (*Adiantum raddianum*) e os filodendros gloriosos (*Philodendron glorioso*).

Na segunda metade do século XIX, a influência do romantismo nos jardins e os rochedos construídos nas obras de Glaziou eram muito populares entre os amantes de jardins.¹⁴ O jardim da Casa de Rui Barbosa não leva a assinatura de Glaziou, mas foi influenciado pelas obras desse paisagista.

14. RIBEIRO, Nelson Pôrto; CASER, Karla do Carmo. A “reconstrução da natureza” nos jardins românticos cariocas do século XIX: história e tecnologia.

Figura 7 – Cascata, jardim social.



Foto: Ana Luíza Rangel.

REFLETINDO

Nossos gostos mudam com o tempo e, com eles, também os jardins: você consegue lembrar como a moda atual influenciou suas roupas e as escolhas de decoração em sua casa? E nos jardins que você conhece? Quais estilos de vasos de plantas são usados hoje em dia? Quais espécies de plantas são mais comuns em nossas residências? Quais delas você consegue reconhecer no jardim histórico da Casa de Rui Barbosa?

Capítulo 4

VOLTADOS PARA A RUA: A ESCULTURA DA ÁGUIA E DA SERPENTE E AS CAMÉLIAS

Figura 8 – Camélia, jardim social.



Foto: Ana Luíza Rangel.

AS CAMÉLIAS E RUI ABOLICIONISTA

Na segunda metade do século XIX, o movimento abolicionista ganhou força. Os defensores da abolição demonstravam seu posicionamento usando camélias (*Camellia japonica*) em suas vestimentas e na decoração de residências e capelas. Com 18 anos, Rui Barbosa fez seu primeiro discurso abolicionista, uma causa que perseguiu por toda sua vida.

Aqui podemos ver como jardins podem também ser palco de declarações políticas: para todos os passantes da rua São Clemente, era possível ver que o dono da casa era abolicionista. São duas camélias na frente do jardim e uma na frente do quarto principal, que ao que consta teriam sido plantadas a pedido de Rui Barbosa. Todos os que passavam na rua poderiam ver as camélias; e visitas que estivessem a caminho da sala de jantar também veriam um pé de camélia, junto ao arco de entrada.

A ESCULTURA DA ÁGUIA E DA SERPENTE

A escultura já se encontrava no jardim quando a família de Rui Barbosa comprou a casa. Curiosamente, anos depois, em 1907, o jurista ganharia o apelido de “Águia de Haia”, por sua participação brilhante na II Conferência Mundial da Paz, na cidade de Haia, na Holanda. Localizada no centro do canteiro em frente ao lago do jardim, voltada para a rua, a escultura apresenta, sobre um rochedo, um duelo entre uma águia e uma serpente. Trata-se de uma alegoria muito retratada na arte e na escultura do período.

Figura 9 – Escultura *Águia e Serpente*, jardim social.



Foto: Marcel Gautherot. Fonte: Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa.

PARA SABER MAIS

Sugerimos a leitura de SILVA, Eduardo. As camélias do Leblon e a abolição da escravatura. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2003. Disponível em: <http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/20.500.11997/881>. Acesso em: 30 set. 2019.

UM JARDIM DE SENSAÇÕES

O jasmim-manga (*Plumeria rubra*) é uma espécie exótica muito aromática e que hoje pode ser encontrada em todo o jardim. Podemos sentir seu perfume nas flores que caem e enfeitam o gramado. Respire fundo!

Figura 10 – Jasmim-manga, jardim social.



Foto: Ivo Gonzalez. Fonte: Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Capítulo 5

UMA RUA QUE PASSOU PELO JARDIM

CURIOSIDADE

Agora que você já sabe o que são rocalhas, você diria que os dois conjuntos de rochas artificiais do jardim voltado para a rua São Clemente têm a mesma idade?

Na verdade, o conjunto de rocalhas localizado junto ao segundo portão do jardim é muito mais novo que as rocalhas que vimos anteriormente! As primeiras que vimos junto ao portão principal têm sua construção estimada entre os anos de 1870 e 1880. Já as que vemos aqui são mais recentes, feitas em 1930. Isso aconteceu por ocasião da desapropriação do terreno que mencionamos no início do texto. E em 1927 a prefeitura do Distrito Federal (o Rio de Janeiro era a capital do Brasil na época), autorizou a passagem de uma rua que ligaria a rua São Clemente à rua Assunção, localizada nos fundos do terreno do prédio que hoje é a Fundação Casa de Rui Barbosa.

A DESTRUIÇÃO E A RECONSTRUÇÃO DO JARDIM

Em 1924, a casa de Rui Barbosa foi comprada pelo Governo Federal. Mas enquanto os anos se passavam e não se definia o destino da casa, o prefeito do Rio de Janeiro autorizou a passagem de uma rua dentro do jardim, destruindo um grande trecho da parte lateral direita. A comoção do público foi tanta que o plano foi abandonado, por ordem do presidente Washington Luís.

Figura 11 – Primeira página do periódico *O Jornal* de 30 de setembro de 1926.



Fonte: Arquivo *O Jornal*/D.A Press.

Figura 12 – página 3 do periódico *O Jornal* de 12 de fevereiro de 1927.



Fonte: Arquivo *O Jornal*/D.A Press.

PARA SABER MAIS

“A desapropriação do terreno provocou a derrubada de uma série de árvores, entre elas um grande flamboyant plantado atrás do quiosque, um pé de acácia-imperial que florescia em novembro e dezembro, uma braúnea, também chamada de sol-do-peru e um olho-de-boi. Mas a perda principal foi a do lindo fícus que deitava sobre o lago” (REIS, 2011, p. 24)

Anos depois, em 1930, para a abertura do museu-casa ao público, foi providenciada também a reforma do jardim. Essa reforma incluía, além de pequenas obras dentro da casa, a restituição da área lateral que a municipalidade solicitou para a construção da rua, cujas obras ficaram inacabadas. Para a reconstrução, o ministro Vianna do Castello contratou o engenheiro italiano Vittorio Miglietta, que realizou a obra em apenas 25 dias, entre os dias 5 e 30 de junho de 1930.

Miglietta afirmou, em seu relatório, ter feito “tudo da melhor forma possível procurando dar ao jardim o aspecto que tinha antes”. Em 13 de agosto de 1930 é inaugurada a Casa de Ruy Barbosa, com presença do presidente Washington Luís, que planta no local uma muda de pau-brasil (*Paubrasilia echinata*), próximo ao quiosque.

CURIOSIDADE

Vamos conferir os itens que constavam na lista do relatório do engenheiro Miglietta?

- Aterro geral do terreno, que já havia sido rebaixado em quase um metro pela prefeitura na ocasião da obra de abertura da rua de ligação entre a São Clemente e a Assunção.
- Reconstrução e adubação dos canteiros com construção das bordas e esquinas dos canteiros com paralelepípedos.
- Reconstrução dos caminhos e aleias, utilizando materiais como pedra, concreto (no jardim frontal) e saibro.
- Reconstrução de dois lagos com cascatas e de duas vascas.
- Instalações hidráulicas do jardim, para os lagos e para irrigação dos canteiros.
- Reconstrução da rede elétrica da casa e do jardim, com aumento de potência da rede dentro da casa e também para o jardim.

- Reconstrução da estrutura da pérgula, com substituição dos elementos em madeira.
- Conserto da escultura da águia e serpente e de todo o jardim frontal.
- Replante de mais de 2 mil mudas.
- Pintura de fachadas, gradis, postes de luz, parreiral e madeirames.

REFLETINDO

Das mais de 2000 mudas selecionadas pelo engenheiro Miglietta, quais seriam as espécies de plantas? Ainda hoje, não sabemos como e porque ele as escolheu. Mas os exemplares escolhidos pelo engenheiro são parte de nosso acervo paisagístico: são documentos vivos que registram os diferentes momentos do jardim.

Capítulo 6

O CANTEIRO DO ABRICÓ-DE-MACACO

Figura 13 – Planta humanizada do Jardim Histórico da Casa de Rui Barbosa.



Planta: Luciano Caetano. Fonte: Museu (2013).

REFLETINDO

Nem sempre se pensou nesse jardim como jardim histórico!

Na época da passagem da rua que arrasou o terreno, existia no canteiro lateral da casa um grande flamboyant. E hoje vemos no mesmo local esse grande exemplar de abricó-de-macaco (*Couroupita guianensis*), uma espécie nativa de outro bioma.

Figura 14 – Abricó-de-macaco, jardim lateral.



Foto: Aparecida Rangel.

PARA SABER MAIS

De acordo com a Comissão Nacional de Classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), um bioma é “[...] um conjunto de vida vegetal e animal, constituído pelo agrupamento de tipos de vegetação que são próximos e que podem ser identificados em nível regional, com condições de geologia e clima semelhantes e que, historicamente, sofreram os mesmos processos de formação de paisagem, resultando em uma diversidade de flora e fauna própria”. Para conhecer os biomas brasileiros, clique [aqui](#).

Estamos no bioma da Mata Atlântica, e o abricó-de-macaco é nativo da Amazônia. Podemos ver o abricó em vários locais do Rio de Janeiro, como no Aterro do Flamengo, mostrando aqui uma influência de outro paisagista importante: Roberto Burle Marx.

PARA SABER MAIS

Roberto Burle Marx (1909-1994), artista plástico e paisagista brasileiro, com extensa obra no Brasil e no mundo. Dentre seus principais trabalhos estão: diversas praças, o jardim do Palácio Gustavo Capanema (antigo prédio do Ministério da Educação), o paisagismo do eixo monumental em Brasília e do Aterro do Flamengo (RJ), bem como a criação de um sítio em Guaratiba (RJ) de mais de 300 m², onde viveu e colecionou diversas espécies de plantas. O Sítio Burle Marx foi doado ao Iphan por Burle Marx ainda em vida, em 1985.

Apesar de ser uma árvore muito interessante, com flores em todo o tronco e frutos de sua base ao topo da copa, o abricó não era uma espécie usada no século XIX. E aqui percebemos que nem sempre se pensou no jardim como histórico. Até a Carta de Florença (Unesco), de 1981, que estabeleceu a proteção aos jardins históricos, era possível realizar diversas interferências no jardim sem muita reflexão sobre o que existia aqui no passado (outros aspectos eram considerados, como praticidade de manejo ou o gosto da época). Por isso, o abricó-de-macaco é um documento dessa fase do jardim, como “moldura” ou “área de convivência” de uma instituição federal.

Figura 15 – Abricó-de-macaco, detalhe, jardim lateral.



Foto: Aparecida Rangel.

Hoje entendemos que, mesmo não sendo “original” do jardim, o abricó-de-macaco é uma árvore de grande porte e bem adaptada ao local. Por isso, é necessário ter responsabilidade ambiental: não podemos remover uma árvore sadia só porque sabemos que no passado existia uma espécie diferente no local (espécie que, por sinal, poderia não se adaptar ao microclima atual do jardim). Um dia, quem sabe, quando o abricó chegar com tranquilidade ao fim do seu ciclo de vida, ele poderá ser substituído – depois de um período de descanso e recuperação do solo – por outra espécie, talvez um flamboyant, como o que existia na época em que Rui Barbosa aqui vivia – mas somente se encontradas as condições adequadas para o seu desenvolvimento. Até lá, é preciso preservar todas as espécies que possuímos, pois fazem parte do nosso acervo paisagístico e têm um papel importante para o microecossistema do jardim.

CURIOSIDADE

Não se sabe ao certo a extensão do trecho arrasado do jardim para a passagem da rua que ligaria a São Clemente à Assunção. Contudo, depoimentos de familiares de Rui Barbosa ao projeto Memória de Rui afirmam que havia uma fileira dupla de mangueiras (*Mangifera indica*), uma de cada lado do jardim. Atualmente, só encontramos mangueiras do lado esquerdo do jardim, criando um caminho sombreado em frente à antiga cavalaria. Você consegue imaginar como a paisagem do jardim seria diferente?

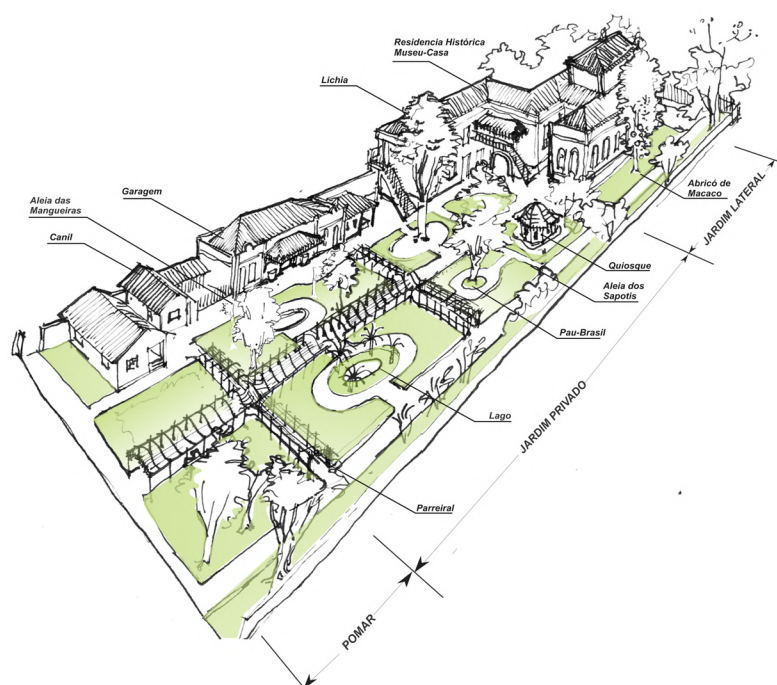
UM JARDIM DE SENSAÇÕES

A acácia-imperial (*Cassia fistula*), também chamada de “chuva-de-ouro”, tem cachos de flores amarelas que perfumam o local. Essa espécie é mencionada nas memórias dos filhos, netos e familiares de Rui Barbosa, que viveram na casa e conviveram no jardim. Se você estiver aqui no jardim, respire fundo e sinta o perfume, mas, se estiver em outro local, tente encontrar este exemplar e experimentar seu agradável aroma. Vamos respirar fundo?

Capítulo 7

O POMAR DE RUI BARBOSA

Figura 16 – Perspectiva a voo de pássaro, jardim da Casa de Rui Barbosa.



Desenho e arte final: Luciano Caetano.

As frutas mais populares do jardim: sapoti e abiu

Na esquina do Quiosque encontramos um grande sapotizeiro (*Manilkara zapota*), que abre a aleia frutífera. As aleias são caminhos arborizados e sombreados. No chamado “jardim privado”, o jardim interno da residência,

que não podemos ver da rua, mais de 60% das espécies são frutíferas. A maior parte delas são sapotizeiros e abiuzeiros (*Pouteria caimito*). As frutas do jardim eram consumidas pela família de Rui Barbosa, virando doces, compotas ou lanches para as crianças, que passavam as tardes brincando no jardim quando não estavam no colégio interno.

O sapoti e o abiu eram frutas muito populares no século XIX. No jardim da Casa de Rui encontramos mais de 10 exemplares de abiu, fruta que quase não encontramos em supermercados ou feiras atualmente.

CURIOSIDADE

O espaçamento entre as árvores – as passadas que separam uma árvore da outra – e o posicionamento das árvores nos canteiros, bem próximas dos caminhos de saibro, indicam que esse pedaço do jardim, o jardim interno, foi pensado como um pomar. Com as árvores próximas dos caminhos, era possível pegar facilmente os frutos e caminhar pelas aleias aproveitando sua sombra. Certamente, as árvores eram mais jovens e, por isso, mais baixinhas: Rui Barbosa provavelmente não imaginaria que as árvores que plantou e de que cuidou cresceriam e ficariam tão grandes!

É por esse e por outros motivos que o jardim que vemos é bem diferente do jardim que Rui e sua família viram. É um jardim com árvores bem altas e grandes copas, que deixam o local mais sombreado e os canteiros mais úmidos. Em certos canteiros, espécies que poderiam ser encontradas na época em que o patrono aqui viveu com certeza não se adaptariam mais. Um exemplo são os pessegueiros. Embora essa espécie fosse encontrada no jardim da residência, provavelmente não cresceria bem hoje, pois não encontraria as mesmas condições (de solo, de luminosidade, de umidade...). Assim, pensar em como conservar as espécies centenárias e o jardim que Rui conheceu, respeitando também as características que vemos atualmente, são os grandes desafios da manutenção dos jardins históricos.

Capítulo 8

O CANTEIRO DO PAU-BRASIL

Figura 17 – Pau-brasil, jardim privado.



Foto: Ana Luíza Rangel.

Nesse canteiro foi plantada uma muda de pau-brasil (*Paubrasilia echinata*) pelo presidente Washington Luís, em 13 de agosto de 1930, no dia da inauguração do Museu Casa de Rui Barbosa, que é o museu-casa público mais antigo do Brasil. Na ocasião, a muda, que vemos aqui hoje no pequeno canteiro circular, foi regada de um jeito bem especial – com água do rio São Francisco, simbolizando a Bahia, estado natal de Rui Barbosa.

CURIOSIDADE

O canteiro do pau-brasil fica localizado em frente a uma construção de madeira e teto de metal, chamada de “quiosque”. Esse tipo de pavilhão era muito comum em jardins do século XIX e podia ser encomendado da Europa por catálogo, para decoração de jardins e praças (REIS, 2011, p. 41). Poderia ter diversos usos: coreto, área de reuniões, como chás e saraus, ou para descanso... Já o quiosque de Rui Barbosa tinha um uso bem específico: era usado pela família para refrescantes banhos de chuveirão, nos períodos mais quentes do verão carioca. Ainda é possível ver a caixa d'água, o chuveiro e a banheira!

Figura 18 – Quiosque, jardim privado.



Foto: Ana Luíza Rangel.

Hoje podemos ver como o jardim mais sombreado afetou o crescimento de algumas árvores: o pau-brasil compete por espaço e luz solar com a copa de uma aroeira (*Schinus terebinthifolia*), que tem como fruto a pimenta-rosa. A aroeira, lentamente, cresceu bem inclinada, buscando o sol – um fenômeno chamado de “fototropismo”.

UM JARDIM DE SENSações

A aroeira, também chamada de “pimenteira-rosa”, produz flores com o perfume característico dessa pimenta, muito usada na culinária e como planta medicinal. Ela floresce nos meses de novembro, dezembro e janeiro, e dá frutos entre os meses de fevereiro e abril. Vamos respirar fundo?

Capítulo 9

A LICHIA CENTENÁRIA

Figura 19 – Lichia, jardim privado.



Foto: Ana Luíza Rangel.

❧ A lichia centenária ❧

A árvore que vemos aqui no centro deste espaço circular, hoje muito disputado pelas crianças, é uma lichia (*Litchi chinensis*).

Plantada por Rui Barbosa em 1895, a lichia é uma espécie exótica, nativa do sudeste asiático, onde é muito cultivada por conta de suas frutas refrescantes. Contam que deu frutos pela primeira vez em 1923, no final do ano em que Rui Barbosa faleceu. Hoje em dia esse exemplar já tem mais de 100 anos e, por isso, não se preocupa mais em gastar tanta energia para produzir frutos. Mas sua sombra acolhedora garante um espaço protegido para as brincadeiras dos netos e netas de Rui Barbosa, como carinhosamente chamamos as crianças que brincam todos os dias no jardim.

REFLETINDO

Quantas árvores de mais de 100 anos você conhece? É uma coisa muito especial conhecer um ser tão antigo, que viu tantas histórias, não é mesmo? Cada vez mais percebemos que o ser humano não pode existir separado do meio ambiente. Por isso devemos proteger as árvores que conhecemos. Quem sabe as histórias que elas podem nos contar?

UM JARDIM DE SENSAÇÕES

Vocês já tocaram no tronco de uma árvore com mais de 100 anos de idade? Com cuidado e respeito, vamos lá!

Capítulo 10

O PARREIRAL

Figura 20 – Pérgula, jardim privado.



Foto: Marcel Gautherot. Fonte: Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa.

CURIOSIDADE

Essa grande estrutura de ferro e madeira é conhecida por diferentes termos, você conhece algum deles?

Encontramos na literatura e entre o uso corrente denominações como: “pergolado”, “parreiral” e “latada”.

Chegamos no pergolado! Também o chamamos de “parreiral”, por causa das parreiras ou videiras (*Vitis sp.*) aqui plantadas e que utilizam essa estrutura para crescer e se desenvolver.

Figura 21 – Parreira, jardim privado.



Foto: Aparecida Rangel.

CURIOSIDADE

Em 1849, na época da construção da casa pelo primeiro Barão da Lagoa, Bernardo Casimiro de Freitas, constava na escritura do terreno a seguinte descrição: “jardim, horta e pomar, grande parreiral sobre vergalhões de barrões de ferro, vasos, figuras, bancos de jardim etc”. Documentos referentes ao jardim, tal como a escritura citada, podem ser consultados no Arquivo Histórico e Institucional da Fundação Casa de Rui Barbosa, assim como publicações sobre o tema que se encontram na Biblioteca São Clemente. Para mais informações sobre esses espaços, visite nossa página: www.casaruibarbosa.gov.br

O parreiral, ou pergolado, é bastante semelhante às estruturas deste tipo existentes em Portugal, e está aqui há mais de 100 anos! Sua estrutura de metal possui um eixo principal de aproximadamente 60 metros, dividido por dois eixos secundários, perpendiculares, com 37 e 45 metros, que setorizam o jardim em canteiros retangulares. Além dos aspectos botânicos e naturais, os traçados do jardim, com lagos artificiais e pequenas pontes, revelam uma inspiração romântica, como já mencionamos.

O parreiral da Casa de Rui Barbosa passou por diversos processos de restauração e substituição pontual dos elementos em madeira ao longo dos anos, até seu restauro completo, realizado no ano de 2015, pelo Projeto de Revitalização e Restauração do Jardim da Casa de Rui Barbosa (BNDES/Fundar/Fundo Nacional de Cultura). Durante sua restauração, todas as ripas de madeira, já muito danificadas, foram substituídas por novas, de madeira tratada e certificada, reforçando a responsabilidade ambiental do projeto. Podemos ver aqui parte da iluminação do jardim, que também usa os recursos de maneira responsável: a iluminação é difusa, ou seja, fraca o suficiente para não causar incômodos na fauna do jardim – pássaros, micos, morcegos e insetos – que tem um ciclo de vida noturno. Um circuito desliga setores da iluminação lentamente durante a noite: uma noite inteira de funcionamento gasta menos energia que um banho de 15 minutos de chuveiro elétrico.

PARREIRAS CENTENÁRIAS E AROMAS DO JARDIM

O jardim conta ainda com duas parreiras (*Vitis sp.*) mais antigas, remanescentes do parreiral original. Ao longo do ano, mas sobretudo no verão, podemos ver micos, sabiás, bem-te-vis, sanhaços, pardais e até tucanos se alimentando das uvas.

É possível perceber que as parreiras cresceram mais rapidamente que as roseiras plantadas no início do parreiral. Mudanças das duas espécies foram plantadas na mesma época: novembro de 2016. Notamos como as parreiras rapidamente ocuparam o parreiral assim que o local foi liberado após a restauração, e que as rosas crescem vagarosamente no início da estrutura. No futuro, imaginamos que as rosas e as parreiras vão se encontrar, em uma homenagem à visão que Rui Barbosa tinha do parreiral quando aqui vivia. Mas sabemos que cada espécie tem seu ritmo de crescimento, e tudo na natureza tem o seu tempo. Convidamos todos a retornarem sempre e descobrir um novo jardim a cada visita!

CURIOSIDADE

A videira, ou parreira (*Vitis sp.*), é uma espécie exótica no Brasil. Nativa da Ásia, é cultivada no mundo todo. Habita preferencialmente locais de clima temperado, de clima mais ameno do que o encontrado na cidade do Rio de Janeiro. É uma trepadeira de tronco retorcido e ramos flexíveis, com gavinhas, que necessitam de suporte para crescer. As parreiras do jardim da Casa de Rui Barbosa produzem uvas-verdes, da variedade Moscatel.

REFLETINDO

Sendo uma espécie exótica, de ramos e cuidados delicados, sua permanência no jardim até os dias de hoje é conseguida com muitos cuidados dos jardineiros e um rigoroso cronograma de adubações. Para preservar esses exemplares frágeis, solicitamos sua cooperação: não arranque folhas, ramos ou frutos.

RUI BARBOSA, O ROSEIRISTA

O jardim foi objeto das atenções de Rui Barbosa desde o momento em que se decidiu pela compra da casa. Desde sua mudança da Bahia para o Rio de Janeiro, ao ingressar na vida política da capital, Rui fazia questão de escolher casas com jardim.

Rui era especialmente interessado pelo cultivo de rosas (*Rosa sp.*), se auto-denominando um “roseirista”. Considerava a atividade como um passatempo que o ajudava a suportar as provações da vida política e do trabalho intelectual. Mesmo em períodos em que estava bastante ocupado, constam em seus cadernos de anotações, documentos e correspondências diversas menções ao jardim, à preocupação com seu manejo e à introdução de espécies. Rui orientava pessoalmente os jardineiros no combate a pragas e diariamente dedicava um tempo para cuidados especiais com as rosas, muitas das quais eram podadas por ele mesmo. Com a velhice, pôde se dedicar cada vez mais aos cuidados com as suas espécies favoritas, chegando a colecionar aproximadamente 400 variedades de rosas!

Figura 22 – Revista *Fon-Fon*, 1918.



Fonte: Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa.

CURIOSIDADE

“Todo sábado, às sete da manhã, seguiam para a floricultura do Fonseca, à rua do Riachuelo, onde encomendavam terra, mudas, novas espécies de rosas, sempre entregues em carrinho de mão. O próprio Rui, usando o podão, cortava hastes secas, ajeitava galhos para dar às plantas feição estética à medida em que iam crescendo. E era adubar canteiros, revolver a terra e regar. Uma preocupação não era esquecida: anotar-lhes os nomes para catalogá-las e posteriormente tentar enxertos. No pé de cada planta, Rui colocava então uma pequena tabuleta branca onde escrevia a lápis o nome da variedade. Além de fornecer os materiais, era o comerciante Fonseca quem dava tais orientações. Era um jardim que despertava elogios, com roseiras às centenas. Rui lastimava colhê-las para ornamentar a casa, pois pensava no ecossistema – apesar da palavra não estar ainda na moda, pensava nas abelhas e nos insetos. Mas os pessegueiros tinham seus frutos envolvidos, enquanto verdes, em pequenos sacos feitos por Dona Adelaide, sogra de Rui, para protegê-los dos pássaros” (REIS, 2011, p. 32).

Figura 23 – Roseira, jardim privado.



Foto: Fausto Fleury. Fonte: Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Atualmente o jardim conta com algumas espécies de rosas – rosas trepadeiras (*Rosa micrantha*), rosas arbustivas (*Rosa sp.*) e minirrosas (*Rosa chinensis*) que, de forma tímida, nos permitem imaginar o jardim de outrora. Por ser uma espécie de cultivo delicado e pouco adaptada ao clima do Rio de Janeiro, é pouco provável que seja possível determinar ou recriar variedades de rosas cultivadas pelo próprio Rui no local.

PARA SABER MAIS

Constava na biblioteca de Rui Barbosa, com aproximadamente 37 mil volumes, uma “significativa quantidade de livros relacionados a jardinagem, botânica e temas afins, indicativo de um interesse que ultrapassava a mera curiosidade” (REIS, 2011, p. 23), apresentando os seguintes quantitativos de livros por tema: plantação (91 livros), botânica (37 livros), natureza (20 livros), silvicultura (12 livros), pragas (9 livros), floricultura (8 livros) e jardinagem (2 livros) (REIS, 2011, p. 23).

O JARDIM COMO REFÚGIO FEMININO

No século XIX, as mulheres não costumavam andar desacompanhadas pelas ruas, ato desaprovado pela sociedade patriarcal de então. Mas os jardins das residências eram locais seguros, onde elas poderiam caminhar sozinhas livremente. Podiam inclusive dar curtos passeios com seus pretendentes, e se considerava apropriado que o casal estivesse sempre em movimento, para não dar margem para fofocas. A presença feminina na residência de Rui Barbosa sempre foi marcante, ainda que em termos numéricos: dos 5 filhos e 14 netos do patrono que viveram e frequentaram a casa, contamos três filhas – Maria Adélia, Francisca e Maria Luiza Vitória – e 8 netas – Maria Adélia (Delita), Stella, Lucila, Maria de Lourdes (Lurdinha), Maria Luisa (Isinha), Sônia, Maria Augusta Airoso e Carmen, filha de sua filha mais nova, nascida anos após a morte de Rui –, além da anfitriã Maria Augusta Ruy Barbosa, duas babás – uma espanhola (Miss Santos) e outra inglesa –, a cozinheira Lia, a empregada Judite e a governanta Emília de Jesus.¹⁵

CURIOSIDADE

“Nas manhãs de sol, sempre acompanhado de Maria Augusta, visitava o jardim, aí permanecendo uma hora. Ao voltar para casa, trancava-se no gabinete de estudos (Gabinete Gótico – Sala Civilista), absorvido pelo trabalho e alheio a tudo” (MAGALHÃES, 1994, p. 37).

15. MAGALHÃES, Rejane Mendes Moreira de Almeida. *Rui Barbosa na Vila Maria Augusta*, p. 131-133.

Figura 24 – Rui Barbosa, Maria Augusta e um dos netos.



Fonte: Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa.

REFLETINDO

Mesmo com as diferenças de nosso ritmo de vida atual, podemos tentar imaginar como seria viver no século XIX, e como áreas verdes como jardins de residências e parques públicos eram importantes espaços de convivência, relaxamento e diversão. Você concorda que os jardins são espaços especiais pela beleza e serenidade que proporcionam? Ou talvez por nos aproximarem da natureza? O que você acha?

O jardim das festas

Hoje é possível encontrar bancos com assentos confortáveis e contar com uma iluminação discreta, mas na época em que a família vivia na residência, o cenário era um pouco diferente: diversas mesas de vime, usadas para o chá, eram por vezes levadas da varanda da sala de jantar para o jardim. Nas aleias de mangueiras, mesas rústicas feitas de troncos de árvores caídas eram cenários para piqueniques da família e das chamadas *garden parties* (festas no jardim), realizadas com frequência. À noite as árvores eram decoradas com lamparinas, e depois, com lâmpadas de gás acetileno. Em 1907, ao retornar da II Conferência Internacional da Paz em Haia, na Holanda, Rui Barbosa recebeu uma iluminação elétrica provisória no jardim, como presente da Rio de Janeiro Tramway, Light and Power Company (Light), empresa para que prestava serviços como advogado.

Figura 25 – Rui Barbosa, Maria Augusta, filhos e netos.



Fonte: Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Capítulo 11

OS LAGOS

Figura 26 – Planta humanizada do Jardim Histórico da Casa de Rui Barbosa.



Planta: Luciano Caetano. Fonte: Museu (2013).

O jardim de brincadeiras

Os jardins residenciais eram locais seguros também para as crianças. Os filhos e netos de Rui Barbosa utilizavam o local como palco de brincadeiras. Sua filha Maria Adélia, ao se casar com Antônio Batista Pereira, ocupou os três cômodos do sobrado da residência. Seus filhos e filhas cresceram na Vila Maria Augusta, e aqui moraram até a morte de Rui Barbosa. O jardim era o local de brincadeiras, quando fugiam das babás ou quando retornavam dos colégios internos para as férias escolares.

CURIOSIDADE

“Pois subiam em árvores, caíam nos lagos, perdiam-se pelo jardim – as empregadas tinham que ir atrás delas, chamando pelo nome à hora da refeição, do banho, do estudo. [...] Nos lagos, os netos de Rui apostavam corrida com barquinhos feitos de folhas de palmeira, que eram postos no fluxo que a queda d’água artificial criava [...]” (REIS, 2011, p. 26-27).

Figura 27 – Rui Barbosa com os netos.



Fonte: Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa.

O “lago redondo”, cercado de quatro exemplares de palmeiras-cicas (*Cycas circinalis*) é original do local, e era chamado de “oásis” pelos filhos e netos de Rui. Já o “lago oval”, em frente à antiga cavalaria, foi criado durante a reforma do engenheiro Vittorio Miglietta, em 1930. O trecho do jardim onde hoje vemos o lago oval era ocupado por um gramado, onde a roupa lavada no grande tanque de granito ao lado da cavalaria era estendida para secar e clarear ao sol.

Figura 28 – Lago redondo, jardim privado.



Foto: Ana Luíza Rangel.

Capítulo 12

O PEQUENO POMAR NO fim DA VISITA

Figura 29 – Pérgula, jardim privado.



Fonte: Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa.

No canteiro em frente ao edifício-sede da Fundação Casa de Rui Barbosa, projeto do arquiteto Sérgio Porto (construído entre os anos de 1970 e 1978), podemos ver as espécies mais jovens do jardim.

Árvores jovens

Durante a restauração de 2016, foi necessário remover algumas árvores que já haviam chegado ao final de sua vida ou que estavam muito doentes e ofereciam riscos para as árvores ao redor e para os visitantes. Por conta dessas remoções, sob orientação e fiscalização da Fundação Parques e Jardins e do Iphan, foi necessário plantar novos exemplares para repor o arvoredo.

Neste local estão espécies menores do que as grandes mangueiras centenárias (*Mangifera indica*) que estão ao lado da antiga cavalaria. São elas: jabuticabeira (*Plinia cauliflora*), pitangueira (*Eugenia uniflora*), abacateiro (*Persea americana*) e cerejeira-do-rio-grande (*Eugenia involucrata*). Todas crescerão ao lado dos pequenos pés de araçá (*Psidium cattleianum*) – com fruta semelhante a uma goiaba – e de condessa (*Annona reticulata*) (espécie parente da fruta-do-conde).

A antiga estufa e a horta

Originalmente, havia no jardim uma estufa de metal e vidro fosco, que teria sido encomendada por Rui para que Maria Augusta cultivasse delicadas variedades de avencas (*Adiantum raddianum*), samambaias (*Nephrolepis sp.*) e orquídeas (*Oncidium sp.*). A estufa foi desmontada na ocasião da venda da casa para o governo federal e entregue a uma amiga de Maria Augusta, que teria por sua vez armado a estrutura em seu jardim (REIS, 2011, p. 28). Nos fundos do terreno também havia uma horta e canteiros, onde Maria Augusta estimulava os netos a plantar hortaliças. É difícil precisar corretamente a localização desses elementos. Hoje, neste trecho final do jardim, encontramos a antiga casa do porteiro do museu, onde funcionam a secretaria do Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos e o Laboratório de Microfilmagem e Digitalização da FCRB. Já as avencas, samambaias e orquídeas podem ser encontradas atualmente crescendo em manchas ou espontaneamente nos muros e troncos das árvores – o que demonstra como as grandes copas e espaços sombreados modificaram o microclima do jardim.

Podemos ver também duas dependências comuns em residências da época: o canil e o quarto do forno, que integram o conjunto arquitetônico original da casa. A chácara contava com mastins e gansos, que faziam a guarda da casa e do picadeiro, aos fundos do jardim, onde ficavam os animais de tração.

Figura 30 – Mangueira, na frente do canil e quarto do forno, jardim privado.



Foto: Marcel Gautherot. Fonte: Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa.

CURIOSIDADE

“No forno, no aposento contíguo, eram assados os leitões, perus e frangos. O pão, só em ocasiões especiais, já que o pão de todo dia era adquirido no comércio local. Após o forno ficava, por trás de uma grade de ferro dotada de pequeno portão, a criação de pintinhos leghorn de ‘Baby’” (REIS, 2011, p. 29).

O projeto de revitalização e restauração do jardim

Ao longo do texto, mencionamos em diversos trechos o Projeto de Revitalização e Restauração do jardim realizado nos anos de 2015 e 2016. Dada a importância desse projeto para a história do espaço, apresentamos aqui um breve panorama da sua construção e principais conquistas.

Coordenado por Ana Pessoa, então diretora do Centro de Memória e Informação (CMI) da FCRB, e um grupo de trabalho que contou com Jurema Seckler, Marcia Nogueira, Carlos Fernando de Moura Delphim, Claudia Carvalho e Sérgio Treitler, arquitetos do Iphan o projeto foi fruto de um longo processo de construção de conhecimento sobre o espaço e amadurecimento das ideias que deveriam ser incorporadas.

A partir da elaboração do edital¹⁶ lançado em 2012, a empresa vencedora (Patrícia Akinaga Arquitetura Paisagística, Desenho Urbano e Planejamento Ambiental) elaborou um projeto de revitalização e restauração do jardim histórico que incluiu cinco áreas: restauração dos elementos arquitetônicos, escultóricos e ornamentais; hidráulica e irrigação; paisagismo; sinalização e comunicação visual; iluminação e luminotécnica. A íntegra do projeto e toda a documentação referente a sua elaboração, implementação e conclusão se encontram disponíveis para consulta no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB.

16. Edital realizado em modalidade Técnica e Preço (Processo nº 01550.000254/2011-25), disponível para consulta no Serviço de Arquivo Histórico e Institucional (SAHI) da FCRB e na página oficial da Fundação (www.casaruibarbosa.gov.br).

Capítulo 13

CONCLUINDO A VISITA

Figura 31 – Planta humanizada do Jardim Histórico da Casa de Rui Barbosa.



Planta: Luciano Caetano. Fonte: Museu (2013).

Os jardins históricos podem induzir os visitantes a uma nova postura. Quando bem cuidados, são um exemplo de respeito à natureza, ao meio ambiente, aos seres e à obra humanos, inclusive de nossos antepassados. Isso, inevitavelmente, gerará procedimentos de cuidado por parte de nossos contemporâneos e descendentes, numa relação positiva entre a cultura e a natureza, atitude materializada no caráter das intervenções realizadas no local e no próprio estado de espírito daqueles que ali trabalham.¹⁷

Para preservar esse espaço com todas as suas particularidades e elementos, é preciso manter o “espírito do lugar”.¹⁸ Ou seja, precisamos garantir que seu uso principal hoje não seja muito diferente do seu uso original no passado,

17. DELPHIM, Carlos Fernando de Moura. *Manual de intervenções em jardins históricos*, p. 5.

18. CONSELHO INTERNACIONAL DE MONUMENTOS E SÍTOS. *Declaração de Québec*.

embora cientes de que estamos em outro tempo, com suas necessidades e desafios. Aqui, tratamos de um jardim que foi, no passado, o quintal de uma casa do século XIX. Por isso, para preservá-lo, é necessário mantê-lo como espaço de contemplação, meditação, brincadeiras, passeios, descanso, respiros, memórias, namoros... Um exemplo de jardins históricos que mantêm o espírito do lugar enquanto respeitam as necessidades atuais são os jardins botânicos, que são originalmente locais de pesquisa e aclimação de espécies, mas que permanecem abertos à visitação do público.

Para proteger esse espaço, é preciso fiscalizar e também proibir atividades que coloquem em risco o jardim ou alguma de suas partes. Além de leis como a do tombamento, existem outros instrumentos legais, como documentos e cartas patrimoniais, que protegem os jardins históricos no Brasil e no mundo. Seguindo esses documentos, é até possível, por exemplo, restaurar elementos do jardim ou trocar bancos e demais mobiliários por outros mais confortáveis. Contudo, todas as decisões e intervenções devem ser embasadas por pesquisas e estudos de impacto, garantindo a manutenção da identidade do jardim, ou seja, mantendo o que faz esse jardim ser diferente dos outros. É por isso, por exemplo, que o jardim da Casa de Rui Barbosa tem normas de uso, disponíveis no Anexo deste guia e na página oficial da FCRB.

PARA SABER MAIS

Conheça as normas de uso do jardim histórico da Casa de Rui Barbosa clicando [aqui](#).

REFLETINDO

Por que um jardim histórico é importante? O que podemos aprender com um jardim?

Em um jardim, as coisas estão sempre mudando: árvores brotam, crescem e morrem. Na primavera, várias flores surgem. No verão e no outono, temos muitas frutas. Vários animais, como pássaros e micos, aparecem para se alimentar e trazem muitos sons e cantorias para o jardim. Os peixes brincam nos lagos. No inverno, algumas árvores perdem as folhas. Há sempre algo novo para ver.

Jardins históricos são importantes para perceber os ciclos da vida e o ritmo da natureza, as árvores e os animais, para pensar, para passear, para descansar, para brincar com os filhos, para namorar... e também para o estudo, para pensar simultaneamente no passado, no presente e em como podemos melhorar o futuro.

Além disso, os jardins e áreas verdes refrescam o bairro ao redor. No verão, mesmo ao meio-dia, a temperatura na rua São Clemente é bem mais alta do que no centro do jardim, onde é mais fresco. As árvores purificam o ar poluído da cidade e oferecem espaços para que vários animais vivam e se alimentem; também absorvem água das chuvas, diminuem o barulho e oferecem uma paisagem que nos ajuda a relaxar e a liberar o estresse do dia a dia. Quanto mais árvores, melhor será a nossa saúde. Mas nem todas as árvores são adequadas para as ruas da cidade. Árvores de grande porte que vemos aqui, como a mangueira (*Mangifera indica*), o jambeiro-vermelho (*Syzygium malaccense*), a seringueira (*Hevea brasiliensis*) e a figueira (*Ficus microcarpa*) vêm de outros continentes ou crescem demais para os ambientes urbanos: cada vez será mais difícil ver árvores como essas e animais silvestres nas cidades... Mas ainda podemos encontrá-los aqui no jardim.

Mesmo sem ter qualquer órgão semelhante a um cérebro central, as plantas podem perceber o ambiente que as rodeia com uma sensibilidade mais elevada que a dos animais; competem ativamente pelos limitados recursos disponíveis no solo e na atmosfera; avaliam com precisão as circunstâncias; realizam análises sofisticadas de custo-benefício; e, finalmente, definem e realizam ações apropriadas em resposta aos estímulos ambientais. O caminho tomado por elas, portanto, é uma alternativa a ser levada em conta, especialmente em tempos em que a percepção das mudanças e a elaboração de soluções inovadoras tornam-se atitudes fundamentais.¹⁹

Esperamos que a sua experiência no jardim histórico da Casa de Rui Barbosa tenha sido muito prazerosa e que este material tenha contribuído de alguma forma!

19. MANCUSO, Stefano. *Revolução das plantas*, p. 12.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Estas são as referências utilizadas na elaboração deste guia, agrupadas por temáticas, para facilitar a sua pesquisa.

Para conhecer mais sobre o jardim histórico da Casa de Rui Barbosa...

BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a lado de Rui (1876-1923)*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa: MEC, 1960.

COSTA, Antônio Joaquim da. *Rui Barbosa na intimidade*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1949.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Iconografia. *Fundação Casa de Rui Barbosa*, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://iconografia.casaruibarbosa.gov.br/fotoweb/Default.fwx?sl=1>. Acesso em: 29 set. 2020.

_____. *Reforma da Casa Ruy Barbosa*: relatório da reconstrução do Jardim da Casa Ruy Barbosa: trabalho iniciado a 5 de junho de 1930 e terminado e entregue a 30 do mesmo mez. Rio de Janeiro, 5 jul. 1930. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/edicoes_online/relatorios/FCRB_Reforma_Casa_RuiBarbosa_1930.pdf. Acesso em: 28 set. 2020.

_____. *Rui Barbosa*: cronologia de vida e obra. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1995.

_____. *Rui, sua casa e seus livros*: edição comemorativa do cinquentenário de inauguração da Casa de Rui Barbosa (1930-1980). Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa: MEC, 1980.

FUNDAÇÃO DARCY RIBEIRO; FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *O jardim de Rui Barbosa*: preservação de um jardim histórico. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2017. Disponível em: <http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/20.500.11997/10237>. Acesso em: 29 set. 2020.

MAGALHÃES, Rejane Mendes Moreira de Almeida. *Rui Barbosa na Vila Maria Augusta*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1994.

MOREIRA, Andreia Donza Rezende Moreira. *Inventário botânico do Jardim Histórico da Casa de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2019. 52 p. Disponível em: <http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/20.500.11997/10729>. Acesso em: 28 set. 2020.

MUSEU Casa de Rui Barbosa. São Paulo: Banco Safra, 2013.

REIS, Claudia Barbosa. *Memória de um jardim: estudo do acervo do Museu Casa de Rui Barbosa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2011.

REVITALIZAÇÃO e restauração do jardim da Casa de Rui Barbosa. *Fundação Casa de Rui Barbosa*, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/conservacaopreventiva/jardim/>. Acesso em: 28 set. 2020.

RIBEIRO, Nelson Pôrto; CASER, Karla do Carmo. A “reconstrução da natureza” nos jardins românticos cariocas do século XIX: história e tecnologia. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, 3., 2014, São Paulo. *Anais [...]*. São Carlos: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação, 2014. Disponível em: <https://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-3/htm/Artigos/ST/ST-PCI-007-1.pdf>. Acesso em: 29 set. 2020.

SILVA, Eduardo. *Rui Barbosa e o quilombo do Leblon (uma investigação de história cultural)*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2000. Disponível em: <http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/20.500.11997/846>. Acesso em: 29 set. 2020.

TERRA, Carlos Gonçalves. *Os jardins no Brasil do século XIX: Glaziou revisitado*. 1993. Dissertação (Mestrado em História da Arte) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/6184/1/416325.pdf>. Acesso em: 29 set. 2020.

Para conhecer mais sobre legislação e cartas patrimoniais referentes a jardins históricos...

BRASIL. Decreto-Lei nº 25 de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1937. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm. Acesso em: 29 set. 2020.

CONSELHO INTERNACIONAL DE MONUMENTOS E SÍTIOS. *Carta de Florença de maio de 1981*. Brasília, DF: Iphan, 2015. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Floren%C7a%201981.pdf>. Acesso em: 29 set. 2020.

_____. *Declaração de Québec*: sobre a preservação do “Spiritu loci”: assumido em Québec, Canadá, em 4 de outubro de 2008. Charenton-le-Pont: Icomos, 2017. Disponível em: https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/GA16_Quebec_Declaration_Final_PT.pdf. Acesso em: 29 set. 2020.

DELPHIM, Carlos Fernando de Moura. *Manual de intervenções em jardins históricos*. Brasília, DF: Iphan, 1999. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Man_IntervencaoJardinsHistoricos_1edicao_m.pdf. Acesso em: 29 set. 2020.

_____. Paisagem. In: CARVALHO, Claudia Rodrigues S.; GRANATO, Marcus; BEZERRA, Rafael Zamorano; BENCHETRIT, Sarah Fassa. *Um olhar contemporâneo sobre a preservação do patrimônio cultural material*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2008. p. 88-100.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Carta dos Jardins Históricos Brasileiros*: dita Carta de Juiz de Fora. Brasília, DF: Iphan, 2010. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20dos%20Jardins%20Historicos.pdf>. Acesso em: 29 set. 2020.

MOTTA, Lia; THOMPSON, Analucia. *Entorno de bens tombados*. Rio de Janeiro: Iphan, 2010. (Série Pesquisa e Documentação do Iphan, 4).

PESSOA, Ana. *Histórias de um jardim*: de chácara a bem cultural. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2010. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/o-z/FCRB_AnaPessoa_Historias_de_um_jardim.pdf

SALDANHA, Nelson. O jardim e a praça: ensaio sobre o lado “privado” e o lado “público” da vida social e histórica. *Ciência & Trópico*, Recife, v. 11, n. 1, p. 105-121 1983.

Para conhecer mais sobre botânica e o meio ambiente...

AB’SÁBER, Aziz. *Os domínios de natureza no Brasil*: potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê, 2003.

CROSBY, Alfred W. *Imperialismo ecológico*: a expansão biológica da Europa 900-1000. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GONÇALVES, Eduardo. *Se não fugir, é planta!*: as revelações de um botânico sobre o fascinante mundo dos vegetais. São Paulo: Europa, 2015.

HODGE, Geoff. *Botânica para jardinistas*: a arte e a ciência do jardinismo explicadas e exploradas. São Paulo: Europa, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Comissão Nacional de Classificação. *Vamos conhecer o Brasil? Biomas brasileiros*. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://cnae.ibge.gov.br/en/component/content/94-7a12/7a12-vamos-conhecer-o-brasil/nosso-territorio/1465-ecossistemas.html?Itemid=101>. Acesso em: 29 set. 2020.

LOURENÇO, Daniel Braga. *Qual o valor da natureza?*: uma introdução à ética ambiental. São Paulo: Elefante, 2019.

MANCUSO, Stefano. *Revolução das plantas*: um novo modelo para o futuro. São Paulo: Ubu, 2019.

RUBIN, Nani. Jean Pierre Beriac, professor e pesquisador: “É o limite que define o jardim”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 jun. 2016. Sociedade. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/conte-algo-que-nao-sei/jean-pierre-beriac-professor-pesquisador-o-limite-que-define-jardim-20449498>. Acesso em: 29 set. 2020.

SOUZA, Vinicius Castro; FLORES, Thiago Bevilacqua; LORENZI, Harri. *Introdução à botânica: morfologia*. São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2013.

TAUNAY, Carlos Augusto. *Manual do agricultor brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WOHLLEBEN, Peter. *A vida secreta das árvores: o que elas sentem e como se comunicam*. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.

Anexo

NORMAS DE USO

JARDIM HISTÓRICO DA CASA DE RUI BARBOSA

Aprovada pela Portaria nº 114, de 8 de novembro de 2017

NOTA INTRODUTÓRIA

Salientamos que o jardim histórico da Casa de Rui Barbosa constitui-se em um microecossistema, ou seja, um organismo vivo e, como tal, está sujeito às dinâmicas e aos ciclos da natureza, sendo monitorado diariamente pela fiscalização do Museu Casa de Rui Barbosa e por equipe especializada.

DO ACESSO AO JARDIM DA CASA DE RUI BARBOSA

Artigo 1: Os horários de visitação e funcionamento do jardim da Casa de Rui Barbosa, localizado na Rua São Clemente, nº. 134, no bairro de Botafogo, Rio de Janeiro (RJ) estão disponíveis na portaria do Museu Casa de Rui Barbosa (MCRB) e no site da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).

- I.** O jardim histórico da Casa de Rui Barbosa funciona de segunda-feira à domingo, incluindo feriados, das 8h às 18h, não havendo taxa de ingresso.
- II.** As exceções do funcionamento do jardim encontram-se discriminadas no item Considerações Gerais.
- III.** O acesso ao jardim é feito pelo portão principal da Rua São Clemente, ou pelo portão lateral do estacionamento, havendo ainda comunicação com o prédio anexo.

Artigo 2: A Fundação Casa de Rui Barbosa possui a prerrogativa de fechar o jardim ao público, bem como realizar alterações de horários de visitação,

caso necessário, para o desempenho de suas atribuições de preservação e conservação, mediante aviso prévio em sua portaria, via folhetos, folders, flyers, página oficial da FCRB e mídias sociais.

DAS RESTRIÇÕES DE USO

Artigo 3: O jardim histórico da Casa de Rui Barbosa, para o cumprimento de suas atribuições de proteção e salvaguarda do patrimônio tombado, vem por meio desta Portaria estabelecer as seguintes restrições no uso de seus espaços:

I. SÃO VEDADOS:

- a. Fotografar ou filmar, com uso de equipamentos profissionais de apoio (rebatedores, tripés, etc.), bem como realizar filmagens sem documento de autorização da chefia do Museu Casa de Rui Barbosa.
- b. Reproduzir imagens do jardim histórico para fins comerciais, sem documento de autorização da chefia do Museu Casa de Rui Barbosa.
- c. A realização de eventos sem autorização prévia da chefia do museu.
 - A solicitação deverá ser realizada pelo e-mail museu@rb.gov.br, detalhando a natureza do evento, número de participantes e elementos envolvidos.
- d. O acesso de crianças menores de 12 anos desacompanhadas, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990), que em seu artigo 2º considera “criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos [...]”.
- e. A entrada de objetos que possam danificar os elementos artísticos e integrados do jardim histórico, ou interferir na visualidade do espaço, tais como: bolas, piscinas infláveis, cadeiras de praia, varas de pesca, pipas, bombinhas, fogos de artifício, etc.
- f. O acesso de bicicletas, patinetes e veículos motorizados.
- g. O abandono ou entrada de animais (cães, peixes, tartarugas, gatos, etc.), salvo cães-guia, considerando que os animais domésticos interferem na manutenção e preservação da fauna remanescente.
- h. Alimentar, capturar, molestar ou interferir nos ciclos de vida dos animais que compõem a fauna remanescente no jardim.
- i. A colocação de cartazes, enfeites, luzes, lanternas, bandeiras e quaisquer objetos, bem como escrever, gravar, pintar ou afixar letreiros,

cartazes e pôsteres nas portas, placas, mapas, árvores e elementos artísticos e integrados.

- j. Pisar na grama, no interior dos canteiros ou usá-los para banho de sol ou quaisquer outras atividades.
- k. Subir, apoiar-se, danificar ou pendurar-se nos elementos artísticos e integrados, tais como guarda-corpo de pontes, luminárias, pérgula e lambrequins dos pergolados, placas, rocaïlles, quiosque, caramanchão, esculturas, etc.
- l. O acesso e a permanência de pessoas trajando roupas de banho e sem camisa.
- m. O acesso de pessoas que estejam embriagadas ou sob efeito de substâncias entorpecentes.
- n. O acesso de pessoas portando arma de fogo, instrumentos cortantes ou perfurantes.
- o. A venda de produtos e alimentos no jardim, bem como angariar doativos, contribuições, praticar mendicância e recolher assinaturas para abaixo-assinados sem a autorização da FCRB.
- p. Arrancar ou danificar placas de identificação e de sinalização.
- q. Retirar mudas ou arrancar frutos.
- r. Retirar ou remover as guias e tutores que orientam o crescimento das árvores e arbustos.
- s. Retirar, remover ou danificar elementos que compõem a ambiência do jardim, como as guias de paralelepípedo e o mobiliário (luminárias, bancos e lixeiras).
- t. Interferir no funcionamento de sistemas elétricos, de segurança, de iluminação e de irrigação.
- u. Manifestações religiosas.
- v. Deposição de cinzas e restos mortuários humanos ou de animais.

DO USO E RESTRIÇÕES DOS BANHEIROS DO JARDIM

Artigo 4: O jardim dispõe de três banheiros: banheiro feminino, com duas cabines de uso individual; banheiro masculino, com uma cabine de uso individual e dois mictórios; e um banheiro familiar adaptado para pessoas com deficiência, tendo ainda um fraldário.

Artigo 5: São vedados:

- I.** Uso das pias para banho de adultos ou crianças.
- II.** Entrada de crianças desacompanhadas.
- III.** Subir nos vasos, mictórios, pias e demais equipamentos sanitários.
- IV.** Lavar baldes de areia, pазinhas e outros brinquedos nas pias.
- V.** Jogar objetos nos vasos sanitários que possam entupi-los.
- VI.** Atos libidinosos

DAS RESPONSABILIDADES DOS VISITANTES

Artigo 6: São responsabilidades dos visitantes do jardim histórico da Casa de Rui Barbosa:

- a.** Respeitar o acesso e horários conforme descrito nos itens Do Acesso ao Jardim Histórico da Casa de Rui Barbosa e Das Restrições de Uso,
- b.** Zelar pela manutenção e limpeza das dependências do espaço, incluindo o jardim propriamente dito, banheiros e elementos integrados.
- c.** Respeitar os vigilantes, jardineiros, funcionários da limpeza e demais profissionais da equipe no exercício de suas funções.
- d.** Encaminhar solicitação para a reprodução de imagens, modelos tridimensionais, digitais, fotografias e filmagens à chefia do museu, pelo e-mail museu@rb.gov.br com, no mínimo, 72 horas de antecedência, informando sua finalidade.
- e.** Encaminhar solicitação para a realização de qualquer evento no jardim à autorização da chefia do museu, respeitando as normas de uso presentes nesta portaria pelo e-mail museu@rb.gov.br com, no mínimo, 72 horas de antecedência, informando sua finalidade.
- f.** Manter a circulação dos caminhos e das aleias contínuas e livres de impedimentos.

DA FISCALIZAÇÃO E SEGURANÇA

Artigo 7: O jardim histórico conta com vigilantes diurnos e noturnos, todos os dias do ano.

- I.** São responsabilidades da vigilância
 - a.** Zelar pelas normas de uso e de conduta no jardim.
 - b.** Tratar os visitantes com respeito e cortesia.
 - c.** Encaminhar casos omissos e duvidosos à chefia do Museu.

DAS PENALIDADES

Artigo 8: A inobservância das normas e regras de uso de espaços dispostos nesta Portaria e os danos causados acarretarão as punições aplicadas pela legislação vigente de crime ao patrimônio nacional.

Artigo 9: Os infratores serão encaminhados à autoridade policial competente.

DAS CONSIDERAÇÕES GERAIS

Artigo 10: Eventualmente, o jardim histórico poderá ser fechado para a realização de ações de manutenção e manejo, tais como podas e aplicação de defensivos, que poderão causar riscos à segurança do público.

Artigo 11: O jardim histórico também não abrirá nas seguintes datas:

- a. 31 de dezembro e 1º de janeiro.
- b. Carnaval (de sábado à Quarta-feira de Cinzas).
- c. Sexta-Feira da Paixão.
- d. Dia do Trabalhador (1º de maio).
- e. Finados (2 de novembro).
- f. Natal (24 e 25 de dezembro).

MINISTÉRIO DO
TURISMO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL